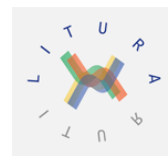


# O Brasil não é para principiantes...

Marcus André Vieira



**Resumo:** “Nada melhor que o termo do Profeta Gentileza: Capetalismo. Basta acrescentar que em sua versão contemporânea ele absorve todos: as igrejas, os caridosos, os revoltosos e assim por diante. Nas franjas do social o capetalismo se encontra com o lixão de seus restos. Esses, que deserdamos, serão reabsorvidos, sabemos, pelo tráfico. Grande entreposto varejista, máquina acéfala, sem lei, nem mesmo, como gostaríamos de pensar, a de uma máfia cruel, a não ser a livre concorrência em sua versão terceiro mundista radical. Realmente, como dizia Tom Jobim, o Brasil não é para principiantes...” (Discurso como Diretor Geral da EBP na Assembléia Geral da Escola Brasileira de Psicanálise em Catussaba, Salvador).

**Palavras-Chave:** capetalismo, cidade, sintoma, Lacan.

Caros presidentes do Conselho da EBP, Ram Mandil e do Conselho AMP-América  
Leonardo Gorostiza,  
Membros do Conselho e Diretoria da EBP,  
Queridos colegas,



Nossa Escola cresce. Não apenas pelo aumento progressivo do número de membros e correspondentes, não apenas porque criamos novas Seções e Delegações recentemente. A Escola cresce também em um plano mais “macro”. Nos últimos dois anos, na diretoria de Jordan Gurgel, pude assistir a isso de perto. Descobri como seus membros e os integrantes da “comunidade de interesse” por eles catalisada parecem, muitas vezes estar em toda parte. Nada nos impede, utilizando-nos deste “nós ampliado”, de afirmar que, dos catadores de lixo de Curitiba aos Caps do interior do nordeste, passando pelos tenentes da polícia militar do Rio, pela USP ou pela Secretaria de defesa social do estado de Minas, estamos, direta ou indiretamente, presentes, habitando a brecha destacada por J. A. Miller há alguns anos quando afirmava:

*O que poderia, juntamente com o ato analítico tal como Lacan o definiu, ganhar lugar como ação psicanalítica, ou mesmo, ousaria dizer, como ação lacaniana, que pudesse propiciar, deste ato, suas conseqüências na sociedade? (...) Este é certamente o campo que de agora em diante se abre para nós.* “Um Esforço de poesia” Curso da Orientação lacaniana, (lição 5/3/2003). Inédito.

Apesar das aparências, porém, o contexto não é favorável. Utilidade direta, burocracia da avaliação, obscurantismo cientificista, o imenso trabalho que vem sido feito a partir de Paris desde a emenda Accoyer, nos permite declinar seus nomes. Não é à toa que a AMP tem se preocupado em oferecer ao Outro social uma acesso claro a seus modos de funcionamento, de trabalho e de garantia. Tempos difíceis.

No nosso caso, porém, parece haver uma especificidade: somos requisitados. Como poderia ser diferente no país da precariedade? As ONGs que trabalham nas favelas nos querem, as universidades, de certo modo, também, assim como os hospitais e escolas. Não podemos esquecer, porém, o quanto será preciso, na universidade, que submetamos nossa orientação ao universal do saber sem autor; na saúde mental, às políticas cada vez

mais burocratizadas dos gestores; e nas ONGS, aos caprichos do mercado - em que projetos vem e vão na dependência de como se cai nas graças dos banqueiros. Nada melhor para designar este Outro que o termo do Profeta Gentileza: *Capetalismo*. Basta acrescentar que em sua versão contemporânea ele absorve todos: as igrejas, os caridosos, os revoltosos e assim por diante. Não é possível concluir este quadro sem mencionar as franjas do social em que o capetalismo se encontra com o lixo da informalidade, dos restos do social. Esses, que deser damos, serão reabsorvidos, sabemos, pelo tráfico. Grande entreposto varejista, máquina acéfala, sem lei, nem mesmo, como gostaríamos de pensar, a de uma máfia cruel, a não ser a livre concorrência em sua versão terceiro mundista radical. Realmente, como dizia Tom Jobim, o Brasil não é para principiantes...



Incluir-se neste mundo sem ser por ele consumido é um desafio para cada um de nós a cada dia. Afinal, estarmos ativamente na cidade não significa que estejamos mais próximos de nossos propósitos. Creio que é claro o quanto um trabalho de Escola, como dizemos no nosso jargão, é aqui incontornável. Um coletivo que não é qualquer um, a Escola se orienta pela possibilidade de propor um destino subjetivo novo ao impenetrável real, extremo tanto do bem quanto do mal.

Diante da magnitude do movimento parece vital garantir a consolidação de nossa expansão. É preciso acompanhar as diretrizes da AMP, assim como do portador de sua orientação no plano nacional, o Conselho da Escola, no sentido de valorizar não apenas o trabalho clínico e epistêmico, mas especialmente a função da garantia no contexto de um amplo debate sobre o que é e como é um membro da Escola.

Consolidação não significa, aqui, uma pausa para respirar. Não é preciso, nem interessante, colocar a mão no freio de um movimento tão rico. É preciso, isso sim, dotá-lo de pontos de ancoragem sólidos que o sustentem diante de seus desafios e apóiem seus propósitos. Consolidando-se a intensão, me dizia Bernardino Horne ontem, resumindo esta idéia, que cresçam as Delegações, que se tornem Seções, que surjam mais centros de atendimento.

No campo das tarefas da diretoria, essa consolidação se delineia como integração. Temos hoje a certeza de que nossa comunidade, tão múltipla, trabalha com uma mesma orientação. Este congresso é uma prova viva disso. É vital apoiar o trabalho do Conselho de implantação dos Centros de atendimento e de enlaçamento de instâncias diversas entre os responsáveis pela garantia, pelo ensino, pelas iniciativas de atendimento e invenção. Temos, porém, a avançar no que concerne a circulação de informações concretas entre as diversas Seções e Delegações, na articulação de seus eventos, calendários, bibliotecas etc. Se conseguirmos esta integração de nosso múltiplo poderemos responder “presente” em nossos dias, não apenas pela orientação que seus membros difundem, mas igualmente no plano das entidades. Até que ponto a Escola como instituição é um interlocutor do Outro social? Leonardo Gorostiza lembrava na reunião de todos os Conselhos como poderemos ser eventualmente conduzidos não somente a nos proteger, tornando-nos, por exemplo, utilidade pública, mas a intervir sobre este Outro, criando alternativas, alterando a legislação, instituindo saídas a impasses coletivos.

Neste sentido vamos propor ao Conselho duas comissões especiais. “Universidades” e “Saúde mental”. Diferentemente do que ocorre em outras Escolas, nossa presença nestes dois campos é maciça. Ali estamos, porém, com honrosas exceções, quase que exclusivamente no “varejo”. Estas comissões deverão julgar de que modo a ação lacaniana poderia se dar nestes dois campos. Muitas questões estratégicas poderão ser

levantados por estas comissões: qual poderia ser o papel dos convênios e parcerias entre a EBP e os órgãos públicos e de fomento à pesquisa? Como constituir uma rede de pesquisas do Campo Freudiano reconhecida como tal por estas entidades? As duas comissões poderiam apresentar um relatório com propostas concretas a ser avaliado pelo Conselho e pela Diretoria e eventualmente apresentado à AG.

O plano de trabalho que vocês receberam, assinado por Sérgio de Castro, Elisa Monteiro e por mim, detalha nossos objetivos para este biênio. Eles dão uma idéia do que nos mobilizará, com destaque para estas Comissões, para o site, para o Correio e para a Tesouraria.



Para concluir, gostaria de apresentar nosso “carro-chefe”. Se pensamos em integração, temos que nos voltar para o que faz nosso Um. Sabemos como podemos contar com o Conselho para zelar pela intensão, necessariamente garantida por um poucos dentro de nosso vasto movimento. No plano da Diretoria, nossa unidade não poderia, no entanto, ser assegurada apenas pela integração administrativa, que poderia cair rapidamente no autoritarismo da burocracia.

Foi um ato importantíssimo o de Elisa Alvarenga que dotou há alguns anos cada Seção e Delegação da Escola de um espaço de leitura do curso de J. A. Miller. Talvez seja o momento de buscar produzir, entre essas leituras plurais, um bom encontro.

Tivemos um momento rico em Búzios no Rio de Janeiro, recentemente, quando nos debruçamos sobre o funcionamento do seminário de leitura do curso de J. A. Miller na EBP-Rio. Dali surgiu a idéia, logo encampada por Sérgio e Elisa, e que gostaríamos de propor à vocês.

Nosso trabalho demonstra a cada dia que o encontro entre Jacques Lacan e J. A. Miller não produziu apenas um aumento de legibilidade, penetração ou atualização do primeiro pelo segundo, mas sim uma clínica própria. Ela não se oferece como obra acabada, por isso é orientação e não técnica e se demonstra mais a partir de nossas práticas que de nossos discursos. Trata-se então de apostar na clínica que nossa orientação propicia buscando destacar seus modos de apresentação singulares. Em lugar da ênfase ao acompanhamento panorâmico da elaboração de J. A. Miller, de explicitar o que diria uma lição, poderíamos enfatizar o modo como esta leitura de Lacan produziu efeitos para cada um em sua experiência: como analista, analisante, estudante, profissional no campo da saúde mental etc.

Papel fundamental nesta empreitada terá a comissão de tradução, também instituída na gestão de Elisa Alvarenga, pois sem seu trabalho incansável até aqui, nada do que estamos propondo seria possível. Para dar ainda mais consistência a seu trabalho, vamos associar a ela uma comissão de revisão. Assim, a primeira poderia reunir um grande número de componentes, eventualmente variável, enquanto a segunda teria poucos, quatro ou cinco no máximo, para garantir um estilo próprio ao trabalho.

Vamos, enfim, propor aos responsáveis de cada espaço de leitura que enviem-nos a redação de pequenos relatos, pessoais, de como a leitura do seminário ou sua discussão entre colegas pôde provocar efeitos no trabalho ou na concepção da psicanálise seja em jovens praticantes e analistas experimentados.

Estas vinhetas serão recolhidas e publicadas no site. Elas poderiam convergir para um encontro real de conversação. A diretoria proporá assim ao Conselho que preveja na organização do Congresso de membros uma mesa em que estes textos poderiam dar lugar a uma conversação e nos fazer de modo coletivo extrair de nossa orientação nossa ação. Essa mesa teria assim como tema algo como “Efeitos de formação do curso da Orientação Lacaniana na EBP”.

Nestes efeitos deposita-se a possibilidade de um fazer singular a partir de uma orientação coletiva. Não são eles que constituem o solo comum em que se sustenta nossa comunidade? Sei, com certeza, que este é o fazer que me sustenta em minha prática. Construído e assegurado pela análise e a supervisão, nele têm parte essencial as parcerias, conversas, textos, indicações, sugestões, alusões, em tantos encontros que a Escola produz.. Minha lista de agradecimentos e de dívidas impagáveis seria enorme. Pensei em simbolizá-la com dois nomes. Romildo do Rêgo Barros, sempre amigo, decisivo na vida e na Escola, e Iordan Gurgal, amigo novo que com seu coração enorme me trouxe para o coração da Escola. Gostaria de ressaltar ainda como me sinto especialmente honrado pela confiança dos colegas esperando retribuir à altura. Tenho grande confiança na instâncias para superar as dificuldades e tenho certeza que o trabalho com Elisa Alvarenga como Presidente só poderá ser vigoroso e inteligente.

Para encerrar, gostaria de marcar este momento com aqueles pequenos objetos que têm nos ajudado a contar nossa história institucional. Pensei “se” e “como” eu poderia contribuir com essa narrativa institucional. Decidi oferecer a vocês um fragmento mínimo de história e que seria ao mesmo tempo histórico: o encontro entre Lacan e Freud em um *flip-book*. Caso se vá até o final da mini projeção que este livrinho cria surge “EBP - a orientação lacaniana”. Lembrem, porém: isso não significa que a EBP seria o lugar da relação sexual possível. É que existe um quarto elo oculto, o gozo singular que nos faz dobrar o caderninho, deslizar suas páginas e dar vida, assim, a estes fotogramas. É este gozo pessoal e intransferível articulado por tantos em nossa comunidade que faz com que a Escola possa concretizar, entre tantos encontros, o de Freud e Lacan. É o que, enfim, lhe permite oferecer-se como interlocutor na Grande Conversação da cultura, em que a psicanálise é urgentemente chamada a tomar parte, ainda mais no caso brasileiro em que esta conversação realiza-se sob o signo de uma violência a cada vez mais a céu aberto.

Obrigado.

Marcus André Vieira  
Salvador, maio de 2007.